

# As travessias do inominável: entre a linguagem, ciência e sofrimento psíquico na pandemia

DOI: 10.5935/1984-9044.20210012

*Marcelo Gonçalves Rodrigues – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o traçado de incerteza e instabilidade potencializado pelo mal-estar na pandemia. Busca, ainda, abrir a reflexão de que o fazer sintoma ressoa as condições do impossível e do restritivo implicados nas cenas de angústia e de determinação do desamparo diante do desconhecido inominável. As longas travessias entre a peste, o silêncio e o instante do agir questionam o que a ideia de arte, linguagem do saber e do manejo clínico permitem na essência desses cortes e rompimentos. O recomeço passa pela necessidade de dar nome à sensação de indeterminação.

**PALAVRAS-CHAVE:** desamparo, linguagem, clínica, pandemia

## The traversing of the nameless: between language, science and psychic suffering in the pandemic

**Abstract:** This article aims to discuss the trace of uncertainty and instability powered by the uneasiness of the pandemic. It also aims to open up the reflection that the making of symptoms resonates the conditions of the impossible and of the restrictive involved in the anxiety scenes and in the determination of helplessness in face of the nameless unknown. The long traversings between the plague, the silence and the instant to act question what the idea of art, language of knowledge and of clinical management allow in the essence of these cuttings and ruptures. The fresh start requires the naming of the feeling of indetermination.

**KEY WORDS:** helplessness, language, clinical, pandemic

# Indeterminação

Quais imagens retratariam em tela escrita um cenário mundial de pestilências? Mais ainda, com a desconstrução das designações sociais, dos vínculos e a desmaterialização das configurações políticas emergentes, quais narrativas estruturadas na linguagem dos sintomas e dos sofrimentos são possíveis de se vislumbrar no estatuto do medo de ataque ao corpo? Como esse *status quo* afeta o modo de dar nome à coisa sentida? A doença seria a recusa do sujeito ao seu corpo ou a recusa do corpo ao sujeito? Estatísticas, gráficos e anúncios de mais mortes tanto debilitam como deslocam as pessoas à qualidade de falta, então, impactadas e compactadas numa irrepresentação de seus estados. A acústica de indefinição – em relação ao temor e ao risco de perder – inabilita a percepção de

identificar, em decorrência da apresentação dos limites e fragilidades, as poucas alternativas de encontrar as letras para nomear a sensação perene de instabilidade diante de ameaças externas e internas.

Não é complexo identificar um dos principais alvos de pânico geral: o corpo. Nesse momento, paulatinamente condicionado como templo de domínio público, em meio a tantos temores, o corpo precisa prestar contas sobre o seu estado em tempo real. Por um bem coletivo surge intimidação e constrangimentos, isto é inegável, e também é exposta a aporia geral circunscrita nessa fase... E é aí que transparece a contradição em todos os setores para a recuperação do convívio. É necessário refletir quais são os limites fronteiriços, isto é, até onde se está sendo autoritário e sádico, e até que ponto há coesão e preocupa-

ção com a calamidade mundial. Filosoficamente, trata-se de considerar a aproximação da subsunção universal da posição ética do social e do subjetivo individual. O propósito disso é que não se incorra na irredutibilidade das formas imperativas de gozo sem limite sobre o outro, o que autorizaria a ordem dos paradoxos sadianos de possuir o objeto ao romper com a ética num mais além do princípio do prazer, qual seja, obter um gozo mortífero nos usos do corpo do outro para gozo máximo, no caso, até a morte. Em outros termos, significa a demarcação do corpo alheio caracterizado como o objeto de gozo do outro, que se vê no direito de controlar, vigiar e punir as ações e movimentos desse corpo. No intento primordial de segurança sanitária e sobrevivência, os corpos são marcados e entendidos nessa conjuntura, como sinalizações de perigo e vetores de doenças.

Por um lado, esses desdobramentos permitem questionar os impactos na subjetivação e os destinos da canalização da energia libidinal nas relações políticas, sociais e de trabalho, às voltas com tecnologias digitais para monitoramento da expansão de ameaças fatais ao corpo. Por outro lado, tais sequências, nessa soma, convocam o *telos* clínico no fazer a psicanálise em suas nuances de escuta, embora do intraduzível, porém, na condição de procedimento de arcar com a legitimação do impossível, sem fazer disso um modo de sofrimento, em especial, ao provocar o reinício das cenas das lituras desses traçados instáveis. As manifestações dos inconscientes abertos em via analítica e seus efeitos metonímicos deslizantes têm o propósito de ecoar a passagem de lugares, de destinos e de fins, os quais convergiriam ao encontro da capacidade de descentramento da subjetividade.

O desidentificar-se ou a travessia de fantasmas de fim de análise é uma afirmação relevante que encosta na situação de adversidade e de desamparo diante das relações objetivas e abstratas dentro de períodos como o de pandemia. O estado figurativo do incerto e indeterminado, condicionado pela constatação da alta de catástrofes, tragédias e carências, descortina os modos de conexão de uma sociedade constituída na desigualdade violenta de suas bases concretas, que pontuam as

repetições inomináveis e avultam, cada vez mais, o estado da impossibilidade de antecipar o que virá, sejam perigos reais ou fantasiados. Nosso propósito neste trabalho é o de discutir os entrelaçamentos entre ciência e espaço de tratamento, o corpo e a linguagem, como a condição constitutiva de elaboração do ato de dar nome aos desencontros sintomáticos promovidos por ocorrências de cominação como a pandemia.

## Sistema de linguagem, ciência e sintoma

Michel Foucault, em 1966, em uma entrevista para *La Quinzaine littéraire*, para Madeleine Chapsal, procura explicar sua descrença e ruptura com a instância do sentido e do significado atribuídos ao mundo das coisas e da validade universal. A razão prática para sua reconsideração repousa nos

valores e contribuições do estruturalismo francês a partir de Claude Lévi Strauss, com a antropologia estrutural, e de Jacques Lacan, via instância do inconsciente portador de uma gramática do significante puro. O desenvolvimento engendrado pela antropologia e psicanálise percorre a

junta da linguagem e saber, signo e significado, simbólico e real na eficácia da construção do suposto saber no íntimo do tratamento. Segundo Foucault (1966), o significado daria local para o termo sistema, então, preconizado em disposição de categorias, as quais evidenciam uma obediência à organização dos sistemas, uma classificação que vai dos mitos heroicos da pré-história à codificação criptografada do material cromossômico.

Para o filósofo, a crítica aos conceitos – significado e sentido – ocorre em virtude da descoberta de que eles respondem a um mero efeito de superfície. Essa metáfora focaliza que ambos não estabelecem o passe às zonas críticas profundas experienciadas pelos sujeitos. Isso implica ponderar as relações intersubjetivas mediadas pelas acepções da linguagem que, para Foucault (1966), revelam fundamentalmente a clarificação do sistema linguístico como um

conjunto dependente da base de funcionamento, operação e união de objetos e condições. Aqui, sobretudo, o tempo e o espaço do doente estarão entregues ao cerco ambíguo das grandes aparelhagens institucionais, atualmente estetizadas na sedução das redes tecnossociais e midiáticas, poderosos artefatos produtores de mal-estar, sintomas e repressões.

Foucault (1966) instaura uma retórica que permite em sua avaliação uma superação importante do significado que, inclusive, conduzia a ação dos teóricos até a interdependência da atribuição do pensamento e do conjunto sustentado no domínio da significação. As contribuições, assim, de Lévi Strauss e de Lacan, serviram para estabelecer a nova caracterização de ciências humanas e, ainda que tardiamente, também fizeram a ruptura com a imagem convencional da própria ideia de Humanidade, de sujeito tradicional e metodológico, experimental

e de pesquisa. Particularmente em suas verificações, seria necessário eliminar radicalmente o humanismo, configurado como a herança mais pesada do século XIX, por tentar anular as contradições e descontornos da relação do homem com o mundo. A lógica estruturalista sistematizada por palavras e coisas seria a força motriz do pensamento do fazer político, da exteriorização do intrapsiquismo e da elaboração do sofrer do ato de criação artística, dissolvendo obsessões que atraíam a descoberta de pesquisa e conhecimento, já que, como infere em outra obra, “as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar” (Foucault, 2000, p.47).

Vejamos que, de posse dessa afirmação, o decodificar significa nomear a coisa apresentada, e a ciência pode ser formulada como uma linguagem bem escrita e procedida na produção de suas descobertas e, claro, nas intenções da verdade que venha a aco-

bertar. O saber deve, nesse quesito, ser “provável”, ter seu objeto passível de perquirição, experimentação em comunhão com a obtenção e explicação dos dados elencados dos fenômenos analisados. Nesse aspecto, “provável” diz exatamente “no que tange provar, engolir, deglutir”, entre sabores e saberes, além de soar semanticamente como o tempo da dúvida e da incerteza. É preciso inscrever sua (de) formação em um mais além, permitindo o diálogo e o contrário em expressão de suas especulações e hipóteses. As transmutações subjetivas substanciadas na objetividade da ciência e da pesquisa ofertam similaridades que, de fato, não são poucas, se pareadas com o reconhecimento da produção de conhecimento, no rigor de se fazer pesquisa, hoje, no século XXI.

O estilo científico formado em sua sistemática é absolutamente moderno, nasceu no século XVI, nos

arautos das descobertas do renascimento cultural no fluxo do heliocentrismo copernicano sobreposto à base do geocentrismo da cosmologia ptolomaica. Por isso, a primeira ferida narcísica da humanidade, famosa tipificação freudiana, que reluz no expurgo da marca humana como obra-prima: não somos a entidade central do universo, somos uma faísca cósmica. As normativas gestadas de tais construções são processos cuja base é a averiguação empírica dos fenômenos que constituem a realidade que, nas elaborações de Bercherie (1989), é mais tangível à matéria prima da percepção do pesquisador com o agrupamento, graus de hierarquia com analogias e diferenças, classes, gêneros e espécies sem introduzir sua subjetividade no objeto investigado. Descobertas e produções fomentadas nesse aspecto alongam a importância de reiniciar com nova análise dos dados e com a replicação, se for o caso. Gerar um

emaranhado de respostas e confrontá-las com os processos do existente é a regra instrumental para se aproximar de verdades absolutas, ao mesmo tempo, porém, pertencentes a um invólucro místico, portanto, transitórias em suas determinações metaestáveis. Uma fina alegoria à *República de Platão* na qual se apresenta um *mix* de mitos e sistemas.

Não por acaso, no catálogo programado da ciência, a lisura entre pesquisador e objeto analisado é a propensão ímpar para a constituição de dureza do sucesso de seu *modus operandi*. A verdade é o limite máximo da ciência, e como atingi-la perfaz seu ordenamento: desenvolvimento de técnicas de análise de dados; a criação e processamento de informações para assim entoar a geração de cenários com graus de probabilidade de ocorrência não diametral à consideração da entrada de novos fatores. Em sequência, compilar dados abertos ou fechados e

aferir a credibilidade desses modelos agrupados, bem como de seus blocos de conteúdos operacionalizados. Em outras palavras e diante dessas considerações, a sistematização necessária à finalidade de descobertas científicas diante de novos problemas, por exemplo, preside fundamentos conceituais que façam somar, às descobertas consolidadas outrora, uma escavação da escrita científica e de suas implicações colaterais.

Por esse intento que a evidência de dados ou materiais sobre processos psicológicos ou orgânicos obedece a um padrão que se une, dispõe e transforma a multisensorialidade, a partir da inovação das teorias, no modo de apresentar suas explicações e recursos com o objetivo de responder e solucionar demandas. Ciência e suas produções de conhecimentos, talvez, não progridam no tempo das demandas atípicas da humanidade, mas se mobilizam a

partir delas. A urgência em acelerar soluções é contraditória com a cautela das proposições científicas para subvencionar recursos para a melhoria e preservação do elemento vida e da sua realidade condicional. Por isso que, ao ignorar essa norma essencial e para não colapsar com todo um sistema tentacular, naturalizam-se estratégias desonestas no cerco de dualidades extremistas. Isso significa que não se trata de quais riscos se quer correr ou de uma escolha que levará ao ponto que se quer evitar: “gripezinha” ou vírus mortal; morrer de fome ou de doença; colapsar indústrias ou leitos de UTIs; sair de casa e contrair vírus ou ficar e adoecer psicologicamente.

Na injunção de encontrar soluções a todo custo, cai-se na percussão iatrogênica das tentativas e erros, falhas e superstição, instrumentos cegos e aleatoriedade. Em sentido de alerta, para o refino e transformação das dicotomi-



as do real, existe uma forma de pensamento prévio que, segundo Foucault (1966), redescobrimos à medida que identificamos que os comportamentos e ações, as palavras e as coisas e os fenômenos que os circunscrevem e prescrevem, sinalizam o comando de uma disposição teórica, portanto, de um sistema. Na apropriação dessa base, o filósofo nos contempla com a direção de seu trabalho de longo alcance sobre a gênese do espaço clínico para além de um dispositivo de cura, contudo, de um sistema estrutural capaz de ordenar e explicitar subjetivações já existentes.

Esse espaço para o encontro do corpo com a tentativa de conhecimento acerca de seu funcionamento fora constituído em seu eixo pela busca por uma potencialidade semântica linguística que pudesse esclarecer a reflexibilidade dos casos patológicos. Logo na enunciação do próprio Foucault (1977), a despeito da

historicização do nascimento da clínica, no fim do séc. XVIII, o saber e o poder científico estão em confluência para legitimar os lugares de nomeação e configuração do corpo atravessado pelo olhar e pela nomenclatura da doença. Esse alinhamento iria prover a sistematização das afecções enumeradas com o rigor da exploração e expressão dos fenômenos classificados, agora, com a elaboração semântica de um código linguístico próprio para o nascimento dos discursos médicos categorizando a tão reconhecida racionalidade anatomoclínica.

Essa metodologia sobre o funcionamento orgânico fez a produção de saber por meio do conhecer pelo olhar, pelo exame do corpo. O momento propriamente da solidificação dessa tendência reducionista do corpo a um saco químico setorizado numa apoteose de células neuronais comandado por hormônios e calcado nos

aspectos fisiológicos da anatomia, atual em muitas perspectivas, teve sua tenacidade com Pinel no séc. XVIII. Contingenciado por ideólogos, esse psiquiatra influenciou as réguas do positivismo ortodoxo, *a posteriori*, de August Comte. Com suas batutas e tinteiros, foram norteadas as bases metodológicas práticas da clínica médica, cujos vetores apontaram para as doses rigorosas de aspectos moralizantes – reeducação e reformatório de hábitos – como parte do procedimento; estava em mutação a constituição positivista no complexo da psiquiatria.

Houve a tradução da terapêutica como a figura da orientação consciente e organizada da clínica psiquiátrica adjunta à seleção hierarquizada e tabelada da doença no espaço de intervenção e, por sua vez, localizada como instituição. Para rememorar essa história dos dispositivos de tratamento e de seus alcances bár-

baros, basta apontarmos as práticas versadas dos pesquisadores em seus específicos períodos: Pinel, com o organograma estrutural de ideias positivas das emoções, Pomme, em seu método de cura – *Traité des affections vaporeuses des deux sexes* –, em 1769, com banhos frios de 10 a 12 horas por dia; Bayle, com a teoria monista das doenças mentais resultantes de inflamações nas membranas do cérebro – *Nouvelle doctrine des maladies mentales*, em 1825; Esquirol, com a divisão e síntese dos sintomas e distúrbios mentais. Somam-se a essas práticas as psicocirurgias – lobotomia e leucotomia – descobertas por Egas Moniz e Freeman-Watts, em 1936, para fins de curar doenças mentais como a esquizofrenia. Entre tantos outros detentores do saber, houve a promoção de ensaios iniciais das descrições clínicas e distinções das síndromes psicopatológicas.

A representação esquemática dos princípios metodológicos dos espaços médicos munidos da conclusão de que a tipologia do órgão enfermo era a gênese da loucura convencia tão somente pela sua aparência de ciência, além de cancelar explicações patogênicas dos sintomas desembocando no diagnóstico anatomopatológico. A histeria era associada à loucura ou ataque demoníaco, e os processos de alienação mental, como formaliza Bercherie (1989), a doenças ou distúrbios da ordem das degenerações das funções superiores do sistema nervoso, com causalidade na hereditariedade. Os transtornos neuróticos de conversão eram acusados pela ciência da época de dissimulação de fundo teatral, simulacros de perturbações psicogênicas, basicamente, por não apresentar a famigerada causa de componente orgânico.

No âmbito particular de sua resma, a ortodoxia médica dos sécu-

los XVIII e XIX, no assombro da impossibilidade de dar nome ao desconhecido, legitimada num processo de repetição concentrada da fruição inominável do sintoma neurótico, negava a circunstância de não saber sobre um conjunto de códigos que acintosamente radiavam as suas vistas médicas. O ato médico – em caráter de observação semiológica e de classificação nosográfica – não validava o diagnóstico, enquanto a etiologia tampouco constituía o diferencial a respeito do quadro de afecção sintomática verificado. Por esse ângulo, o axioma médico e a segurança transitória do olhar hipotético dedutivo estremeciam com a incompletude da linguagem que pudesse ser absorvida como estruturada e posteriormente decodificada pelas aparelhagens institucionais das cartilhas do conhecimento científico.

A confiança da ciência médica residia nos testes, métodos e ca-

tegorização que eclodiam na certeza da produção de conhecimento e descoberta de “verdades”, pois testagem empírica não faltava: isolamento radical, remodelagem de afetos e controle das percepções, manipulação das informações e rituais paradigmáticos de profilaxias. Um passado intempestivo em retorno ao presente e futuro, se nos permitimos evidenciar as tentativas e erros com relação ao distanciamento social, a metragem segura, os reais riscos, os inúmeros protocolos e decretos exalando as contradições na utilização e restrição dos espaços íntimos, públicos e comerciais. Justamente no centro dessa discussão, podemos nos valer das informações que Schwab e Malleret (2020, p.13) assinalam sobre o “método” de confinar por 40 dias, do qual deriva o termo quarentena. Vejamos:

Proveniente da palavra quaranta, que significa “quarenta” em itali-

ano, a ideia de confinar as pessoas por 40 dias surgiu sem que as autoridades entendessem realmente o que queriam conter; tal medida foi uma das primeiras proposições de ‘saúde pública institucionalizada’, legitimando o ‘acréscimo de poder’ pelo Estado moderno. O prazo de 40 dias, portanto, não tem fundamento médico e sua escolha tem razões simbólicas na tradição religiosa. Antigo e Novo Testamento, por exemplo, referenciam o número 40 como trato de purificação: 40 dias de quaresma e os 40 dias do dilúvio relatado em Gênesis (tradução nossa).

Nesse sentido – e também porque estava próximo às fundações do século XIX no que tange às doenças mentais explicadas como quadros de degeneração do sistema nervoso – Freud (1914/2012) rompe com esse modelo “tradicional” e estabelece o matiz de investigação de seu objeto, as neuroses, os sintomas desconhecidos. Para isso, o psicanalista reordena seus instrumentais metodológicos científicos e,

ao mesmo tempo, redimensiona a tessitura de sua composição terapêutica. Desse modo, efetua a substituição do método hipnótico sugestionado, visto que os efeitos da ab-reação catártica seriam o indutor à própria histeria, pelo clássico método da *alles was einfällt* (tudo que vem à mente), do conceito e da regra fundamental, *Grundbegriff* e *Grundregel*, respectivamente. Falar livremente tudo o que vem à cabeça, sem censura, sem restrição, numa trama de associação imagética involuntária de afinidades eletivas.

Para além da retroação da linguagem com destino à impotência da vacuidade na fala livre, há na diluição desse mecanismo a passagem da neurose com o propo- nente biológico para o giro de simbolização subjetiva do sujeito do inconsciente. Não foi o dizer, o contar, o desabafar ou o sexo feminino e, sim, o arranjo no ato de fala do funcionamento psíquico nomeado de histeria que fun-

dou o discurso psicanalítico. A escuta de Freud dessa gradação das dores psíquicas abriu o circuito para nomear isso de psicanálise na ratificação teleológica representativa do *talking cure*, logo, a cura pela palavra. Se o corpo obedece à química, também há de reagir à ação da palavra em suas determinações. O psicanalista partiu de uma questão da estrutura neurótica histérica para esmiuçar sua reflexão teórica; com essa finalidade, atentou para o sintoma a fim de chegar à racionalidade da estrutura clínica. Daí, Lacan (1962-63/2005) considerar que o sintoma fala, e nele a verdade do sujeito dividido aparece.

A construção desse novo paradigma só foi possível pela substituição do olhar anatomofisiológico sobre o corpo, portador no interior da concepção de biopoder, de um caráter patológico, por uma escuta de um corpo erógeno em sofrimento e

entrecortado em seus diferentes agrupamentos de demanda. Trata-se de um sujeito dividido, por um lado, representante de um corpo orgânico responsivo ao discurso da racionalidade anatômica dos órgãos vitais, cujo grande expoente mantenedor é o berço sacrossanto do saber médico. Por outro, de um corpo psicanalítico pulsional dotado de linguagem, cuja via expressa é a fundação estrutural obediente às leis do desejo inconsciente nas régias expressivas da constituição da história subjetiva do sujeito. Leis de um sujeito desejante que, posteriormente, nas asserções de Lacan (1968-69/2008), versará nas leis obedientes à linguagem.

Linguagem que organiza a dimensão do inconsciente, a qual posiciona o lugar da divisão do sujeito, em que a consciência não é propriamente o centro da subjetividade, todavia, o da alienação. Posição, assim, de desvelamento e de desconhecimento do sujeito

do inconsciente. Delineamento geral de ruptura da estabilidade formal do sujeito alocado na enunciação, o sujeito fala e, a partir dessa fala, solta a cadeia de significante que o aliena. A pergunta do sujeito na ordem de sua fenda (*Spaltung*), enunciado no desejo e vontade de gozo, consequentemente, é: “o que eu sou no desejo do outro?” Divisão entre o eu e o objeto rechaçado ou na fórmula de Lacan (1958/1998), ao sinalizar que o desejo não é nem apetite de satisfação nem demanda de amor, é a diferença resultante “da subtração do primeiro à segunda” (Lacan, 1958/1998, p.698). Precisamente o que se pontua como um exemplo de quarto lugar impossível de se realizar pelo outro: fazê-lo desejar.

Desse modo, doravante os lócus versados de impossibilidade, é preciso ainda insistir que o sofrimento é uma sensação a partir da realidade psíquica de cada um,

que, por sua vez, não está em conformidade com a objetividade concreta elaborada no roteiro da condição do dilema ético-moral e político. Por isso, o psicanalista não pode ter indumentárias de partidos políticos publicamente, já que, aos seus analisandos, ele está psicanalista e atende por esse nome quando encontrado, seja onde for esse “desencontro”. Em vez do silêncio para enxergar o lugar-limite ocupado, utiliza-se de explicações ideológicas de fundo político para apontar o direcionamento e encaixe de conduta, dando medida ao tratamento, uma catequização e formação de consciência. A dimensão clínica do pensamento analítico é hegemônica em relação aos circuitos de referentes externos, que são produtos de representações da realidade psíquica. O lugar do psicanalista, aquele suposto saber que escuta, funda-se nessa construção, no manejo de sua posição ocupada na relação transferencial com seus pacientes. Ao mesmo

tempo, o psicanalista não sabe e não pode compreender a aflição do outro, nem se posicionar como testemunha enfática do ocorrido; unicamente deve emprestar sua subjetividade no desembrulho do se fazer em escuta. Sentado num trono de pó e pronto a cair a qualquer momento, o analista não é juiz, não há veredito de verdadeiro ou falso, de certo ou errado.

Esses protótipos pragmáticos de ação binária não se estruturam no interior da situação analítica, visto que racionalização implica menos associação livre e tropeços da língua que destacariam o lugar de fato do sujeito. E, para frisar, interior é relativo ao espaço de reconstrução, da passagem de lugares nas falas de um corpo simbólico conforme a transmissão via toque no corpo pulsional. Há palavras e ritmos encontrados que urgem tocar musicalmente na pele para acontecer em escuta e descerrar-se às travessias da desidentificação fantasmática – o

desfazer das referências imaginárias –, deslocando exponencialmente as imaginações de suas experiências e a maneira de entender o mundo das coisas sem o enodar de sintomas. A fiação da língua do corpo na pele da linguagem irá caracterizar a performance do estatuto dessa realização do desejo de escuta e reorientação das unicidades da angústia, das ações e juízos ambíguos. Com o Outro em escuta, é possível não acomodar, entretanto, reclinar ao *divã-neio* de sexo e ódio, luto e solidão, perdas e morte. Particularidades de afetos capazes de dissolver desejos, repressões e reconfigurar as fantasias do sexual, infantil e recalcado. Reconhecer as imagens de negação como suas principais regências, ter mais prazer naquilo

que se reprova moralmente: “não quero isso, mas não consigo largar”. Desatar o nó do desejo na borda em que ele está se manifestando. Essa condicional especifica a melodia de um percurso analítico para fazer rompimentos e abrir para novas configurações com o campo lógico-normativo das ocorrências contingentes colmatadas às relações afetivas e afirmativas: social, política e econômica. Os fatos, experiências e sensações de angústia, assim como o conteúdo de arte, podem ser redimensionados e reinterpretados no ensejo de quem os lê e escreve, narra e escuta ou, principalmente, vivencia ao atravessá-los em análise. É um pouco sobre isso que tentaremos pontuar a seguir.



# Não existe a palavra que funde a fala como ato

A desmaterialização proporcionada no conto *Escrever*, de Duras (1994), tece como as fiandeiras do destino as letras do que seria o (in) contrável e o imponderável mediante a ordem de problemas difusos. Para a poetisa francesa, a solidão é o grande ato da escrita que não se encontra; no entanto, oferta encontros, e realiza-se sozinha ao se escrever um livro que, quando lido, deixa inevitavelmente de pertencer ao autor (a). A solidão, então, torna-se compartilhada, abdicando-se de existir. Sua linguagem transita para outras descrições de mundo e paixões que não as de quem as escreveu, já que, entre a união do grafo, da tinta e do papel, circula e perpassa um amontoado de desconhecidos e estranhos, acompanhantes e esquecidos tanto do escritor como do leitor.

Quando Primo Levi escreveu o capítulo *A memória da ofensa*, em sua obra, *Os afogados e os sobreviventes* (Levi, 2004), trouxe para si o impacto de subverter o padrão especular a respeito da testemunha ocular. Inúmeros olhos e vocabulários extensos não reproduzirão fielmente o ocorrido, pois não são vivências ou a memória no sentido exato, são palavras. O autor ressignifica e elabora suas experiências traumáticas no Holocausto na composição de cenas narradas na literatura, um despossuir-se para entrar em cena. A esse respeito, apresenta o autor: “Esta escassa confiabilidade de nossas recordações só será explicada de modo satisfatório quando soubermos em qual linguagem, em qual alfabeto elas são escritas, sobre qual material, com qual instrumento: ainda hoje, é uma

meta de que estamos longe” (Levi, 2004, p.19).

Como se constata, as expressões literárias sintetizam similaridade à sensação evocada no descenramento. Descentrar é uma condição de fratura autorreferencial identificada a partir da direção reflexiva do olhar e de sua perspectiva de posição. Esse fenômeno intrapsicológico é passível de ser relacionado, conforme apontado por Sant'Anna (2000), com a construção do *Centro del colonna-to*. Trata-se de um círculo da praça ou *Piazza San Pietro*, arquitetura barroca, que traz naquele que se instaurar em seu centro a sensação real de que visualiza no todo um grande círculo em perfeitas proporções, sendo o observador o centro absoluto do que visualiza. A sensação é real a partir daquele ponto específico em que o sujeito irá concentrar seu olhar e sua atenção ao panorama. À medida que se movimenta, os arcos que estão

em segundo plano se sobressaltam à visão, e a construção ganha movimento próprio, não mais permitindo a noção anterior de que a praça é um círculo. *Piazza* pode ser traduzido também como quadrado, invertendo pela palavra a percepção que se tem do entendimento de círculo. No fluxo dessa canalização reordenada, não existe a palavra que funde a fala como ato e nem ato que funde o fazer como verdade e nem verdade como inscrição de um nome próprio na certeza de sua tradução, constituição e agrupamentos de significantes.

A estética surrealista e a arte barroca em seus paradoxos figurados podem potencializar o princípio constitutivo do desamparo clínico, tamanho o acinte de detalhes que nos desembrulham à outra vertente de nosso giro perceptual, sublimação do outro que intenta instituir sua grafia em nosso semblante: a própria ausência. Um movimento sutil similar ao

encerramento das sessões de análise dentro do tempo lógico para que o sujeito em suas redes fantasmáticas saia do *setting* transferencial sem uma imagem de conforto ao procurar um nome adequado para o desamparo, já que é extremamente mais angustiante não saber como falar ou principalmente não ter o que falar. Sendo a palavra o objeto de não alcance do que se pretende, falar e escrever são operações distintas e não contraditórias entre si, além de serem introjetadas na representação estética do psiquismo como processos traumáticos no percurso de subjetivação da alfabetização, pré-letramento e letramento, instante repressivo que convoca o domínio corpo (oral), tátil, visual. Trata-se do esforço pela busca da letra não conhecida, afinal, o som da língua toca o corpo infantil antes que as articulações significantes se estabeleçam.

Essa desconstrução imprescindível à trajetória analítica é coirmã da sensibilidade estética que executa a apropriação do objeto pelo artista ao destituir a normatividade do visual, colocando em dúvida em qual plano se encontra a imagem retratada, se o enigma está em quem vê, em quem produziu, interpreta, ou na obra que parece ter movimento próprio. Metaforicamente, é como se a realidade dos observadores se coadunasse à fantasia revelada na obra perfazendo a ficção de resolver o impossível entre o sonho delirante e a vida material de existência. Nesse sentido, o sistemático método de crítica associativa de Salvador Dalí realça a ideia de acesso ao universo enigmático dos processos inconscientes através da construção artística, enquanto semântica manifesta. A projeção paranoica é um mecanismo de defesa e sobrevivência que, de modo insistente, pode alterar sobremaneira a percepção e romper com a realidade

em direção à passagem ao ato do surto psicótico. Nesse caso, para dar vazão às pulsões como redução de danos, é urgente aproximar comunidades de um campo de tratamento da subjetividade para a ação criativa como estilo de compreender a objetividade com a confecção de literatura, linguagem e arte. Veredas clínicas menos fechadas no Eu referencial e imaginário, de modo que dores físicas e psíquicas possam, gradativamente, descolarem-se das redes de identificação do sujeito e dar espaço ao delírio criativo, como delineia Dalí (1933/1974), tendo paranoia e loucura como representações de inconformismo com a objetividade, de conduzir a luz ao insensível, de ter a liberdade de desfrutar de um sonho acordado.

É na subversão das normatizações, sistemas cegos e regras linguísticas que a arte transfere a chance de se encontrar com sentimentos. Distante de simples-

mente representar manifestações do inconsciente via automatismo psíquico ou de colapsar com a racionalização, especificamente as escolas como o surrealismo e barroco exibem na plasticidade de suas manufaturas artísticas – literária, musical, pinturas – o mecanismo de cruzar o possível com o aparente inexplicável. Assim como as fabulações oníricas possuem múltiplas versões do mesmo assunto em linguagens e conteúdos diferentes, a tríade psicanálise, surrealismo e barroco estabelecem interconexões que deslizam como paradigmas indiciários. Suas junções desnudam para um sentido utópico de acesso à ideia de arte enquanto elementos para nortear o esclarecimento das coisas inexplicáveis. Também à esperança de se infiltrarem no tecido do social e desembrulharem estruturas máximas de sublimação tais como as estilizadas nos sonetos de Baudelaire (1855/1986): a beleza convulsiva, a transgressão de

tabus, desejos e fantasmas. Passagem da neurose com suas grades imaginárias para outros contornos de rerepresentação das moções pulsionais.

Em linhas aproximadas, o percurso literário de Levi (2004) realoca a reflexão sobre o estatuto de nomeação no toque ao objeto. Magistralmente em sua escrita sobre os relatos sofridos, há o deslocamento e desencantamento refletidos no que é contado. De fato, não é memória ou o ocorrido. É o corpo habitado na linguagem na vertente escrita do significante do qual a propriedade de deslizar só é possível porque existe o objeto que sustenta esse deslizar na dimensão pulsional da palavra e no efeito ao corpo mediante a escolha da letra em junção com outras, para proporcionar algo passível de sonoridade e leitura. Encontrar um nome não é a cura, talvez, um momentâneo alívio da tensão, maneira pela qual se pode mitigar

o desamparo e a angústia presentificados em caráter vitalício. Vide as pinturas rupestres que não foram objetivadas sem dor e sangue para serem esteticamente metaforizadas e deslocadas como molde de linguagem para nomeação do desconhecido ameaçador. Somente se compõem e se formam palavras bagunçando o conjunto disposto pelo abecedário.

A escuta do texto de Levi (2004) anuncia os sons invasores na porosidade do corpo cuja sonoridade é remissiva a uma língua ilegível, inominável, porém, completamente distante de ser um mero ruído de interferência das ondas de transmissão de seu sinal linguístico. O trauma é um buraco onde é acessível fazer o giro, o movimento, fazer a circulação dos processos de tentativas de nomear e que, se escapar, perde-se no espaço. A arte é a promessa de expressar o recalçado via reorganização de mundo simbólico, enquanto recriação aberta

para cobrir a falta. Tanto quanto o carretel do *fort-da* é o representante direto da própria criança e da mãe, o *objet petit a* lacaniano é um vazio consistente que ganha presença mesmo tendo a função de ser o semblante do objeto perdido e do inalcançável ao mesmo tempo.

São letras que anunciam o impossível do estatuto de nomear, na embocadura do discurso imaginário de falar sozinho, falando para ninguém. Familiaridade com o indizível a partir das premissas da Segunda Clínica de Lacan, a clínica do Real, que diz da especificidade do seu esforço para grafar por meio de *mathemas* o que não tem como ser nomeado. A escrita está unida à aritmética, e Lacan (1961-62/2003) repercute essa demonstração de que a escrita é uma conta interminável e materialmente enfatizada no que reconhecemos por contagem dos números. Matemática e alfabeto incluem o infinito dentro do fini-

to; em análise isso se avizinha de que a comunicação é o impossível de ocorrer na zona de tratamento, o sentido da coisa será sempre inatingível, um falar sem âncora, na angústia da fala impreterível à atualização do mito do neurótico e à dispersão do seu sintoma. Portanto, a solidão é a impossibilidade de comunicar algo para o outro tanto quanto o arrebatamento afetivo do isolamento são núcleos de perdas dos referenciais de alteridade, imersos nos seus objetos de fantasma e na incapacidade de experienciar a distinção e a troca de identificação do eu-individual com a diferença ontológica do outro.

Em continuidade complementar, a constatação de um dos quatros discursos trabalhados por Lacan (1969-70/1992), o Discurso Universitário, notifica que o operar, instrumentalizar, ter resultados, relação de mestria em seu inteiro, é processo de negação do inconsciente, que solidifica a ideologia

de que da razão não se pode desconfiar. Vale reforçar que é preciso ter fé indubitável na ciência para se convencer, como demonstra Anzieu (1989), de que pensamento e vontade têm as explicações plausíveis apenas em relação ao córtex e o afeto, ao tálamo. Ou então que sensações de dor, medo e estresse podem ser reequilibradas exclusivamente pelo sistema nervoso autônomo, sistema nervoso central via hipotálamo. Fundações já encampadas no discurso científico a partir, como já mencionado, dos agrupamentos, classificações, analogias e diferenças do olhar sobre os padrões de adoecimento do corpo biológico submisso à normatividade estética na busca patológica pela saúde performática.

Assim considerada, a perspectiva de reflexão necessita ocupar o lugar das ações reflexas céleres, condicionadas e mecanizadas explicativamente amiúde pela *res*

*extensa*, e reabrir investigações que possibilitem novas narrativas acerca dos fenômenos já nomeados. Tanto que a subversão freudiana no invento do inconsciente cristaliza justamente o corte com as perspectivas lineares pragmáticas filosóficas versadas na racionalidade e na consciência causalistas. Teses distintas e não excludentes, como Forbes (1988) pondera, o psicanalista é o avesso do médico, contudo, não é avesso a ele. Além, é claro, de a psicanálise – enquanto espécie de inversão crítica da razão – ser munida de um duplo *telos* em constante contradição: a crítica e a clínica. Sendo a finalidade do escopo universal regular subsumido à razão, o *ethos* científico ratifica suas verdades transitórias tanto quanto o impedimento aos prolegômenos kantianos em resolver os impasses éticos e civilizatórios.

Com a totalidade e o particular em vias de desarticulação no interior das experiências incremen-

tadas pela pandemia, não se pode sancionar a asfixia da escuta sensível dos pormenores significantes, porque essa impulsão seria a legitimação de um *ab-surdo*. Entraria em cena uma apropriação dessubjetivada com vistas à adaptação do sujeito na clínica, no hospital, nos centros de pesquisa, no trabalho, culminando por isso com o desaparecimento

do pensamento conceitual e do caráter reflexivo em núcleos que existem exatamente para tal. Consequentemente, teríamos a substituição do divã pelo “Leito de Procusto”, cama da mitologia grega discursada por Mannoni e McDougall (1991); e, no lugar do ficar em casa, as solitárias escuras com isolamento acústico.

## Considerações finais

Uma vez a insegurança instalada, o medo será a sensação sem nome. Uma vez o medo alojado, o descontrole e aflição assinarão o modo de proceder. O medo, como sentença Safatle (2015), é um afeto poderoso por ser o mais maleável. Ele transforma, incute, altera muito aceleradamente, forçando a uma resiliência sem precedentes. Insegurança e medo são mais efetivos de serem aplicados na experiência intrapsíquica se a percepção de sua ameaça tiver propriedades de larga esca-

la, sem fronteiras, com grande capacidade de se alastrar, sem controle e que desembulha no primeiro tempo um despreparo das nações, de sua ciência e tecnologia para resolver o problema.

Quanto mais microscópico ou invisível for o objeto agressor de perigo e seus riscos à integridade física, maior será a formação reativa de sintomas. Também mais intensificada será a neurose paranoica à medida que a situação de desespero for se prolongando e



sendo alimentada por outras notícias desestabilizantes no constructo social e, principalmente, político. Projetar continuamente que o perigo sempre estará no outro e recusar insistente e repetidamente a probabilidade de que o mal lhe aconteça, levará à imersão de irrealidade, por sua vez, ao surto psicótico.

Muitas táticas para obtenção de confissão real e imaginária não foram realizadas por meio de violência concreta e imediata. Mas com a possibilidade de um grande mal acontecer. Ao controlar a informação transmitida, controla-se a rede de percepção coletiva. O anúncio paulatino de que algo está por perto e não temos como evitar, dispara os mecanismos de defesa, alucinação e paranoia. Alteram-se órgãos do sentido, como audição, visão e tato. Com grande excitação provocada e em vias de exaustão, a população passará a clamar por medidas severas de mais contro-

le, com vistas à segurança, prevenção e cura. Transformam-se consideravelmente os hábitos, valores e as trocas interativas entre as pessoas. Vírus ninguém vê, os efeitos ficam a cargo da eficiência ou não do sistema imunológico e da confiança na proteção da ciência. Fica-se à mercê das trágicas notícias e de suas recriações dos fenômenos e do som em conjunto com as imagens das perdas não elaboradas, que mais incrementam o pavor do que ofertam alternativas de reflexão. Fruto de um tempo social que elege a fotografia como a imagem que fala, e as imagens sendo o berro ótico que emudece gerações.

A forma-linguística retratada nas curvas ascendentes dos dados percentuais de contaminação, infecção e mortes proclama a queda do sujeito perante o momento de retração geral das atividades, falências e aumento da capacidade ociosa e da pobreza. O

luto, o sofrimento e os velórios suspensos para o modo quarentena, e a indistinção de nomes como morto, cadáver, indigente e ente querido evidenciam o avesso espelhado das rupturas e ausências de referenciais e inscrições simbólicas. Não são as grades, potencial bélico, militares bem treinados ou fortificações hiperbólicas que paralisam o prisioneiro. É outro desencontro: a solitária escura e as dúvidas delirantes que a certeza do estar sozinho evoca, num encontro intangível com o inconsciente e com a ausência de nomeação da situação de angústia e de posse apenas de um leito para expiar as narrativas, as quais não se constroem sem barulhos e muito menos sem um grande Outro em escuta.

Coletivos aglomerados em função de uma linguagem “desescrita”, cujo grafo matemático quantificável exhibe a impotência dos nomes em expressão numérica, por

exemplo: milhões de casos ou infectados; tantos milhões de mortos; recorde de mortes em 24 horas. Numerais estatísticos multicoloridos, algarismos ilustrados que superam e ocupam o lugar das vidas, da história, da memória, da dor. Curvas e planilhas, datas por notificação e divisão por região, sínteses em painéis interativos, todos esses elementos ocupam considerável parte das narrativas. Ao recalcar todas as diferenças particulares existentes entre elas, o modo de equacionar tal construção de objetos proporciona o princípio de deixar a angústia pertencente ao inassimilável, mais discurso racionalizado, mais recalcado e concentração de sintomas, menos viabilidade de linguagem e consequentemente de escuta. Daí recuperarmos a originalidade de Jacques Lacan, para a qual Foucault (1966) se atentou, na revolução de sistematizar em estruturas de linguagem o sujeito como um componente dividido

pelo aparecimento dos mecanismos inconscientes. Quem fala não é o sujeito, são seus sintomas neuróticos, suas repetições, seus atos falhos, suas estruturas por meio do dizer regente no sistema

linguístico apropriado pelo clínico em seu processo de decantamento da escuta e da interpretação em direção à hiância do campo do discurso ao tempo do desejo, ao tempo do sonho.

## Referências

- Anzieu, D.** (1989). *O Eu-pele*. Tradução de Zakie Yazigi Rizka-llah; Rosali Mahuz. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Baudelaire, C.** (1986). *Les fleurs du Mal*. Paris: J'ai lu Éditions. (Trabalho original publicado em 1855).
- Bercherie, P.** (1989). *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Duras, M.** (1994). *Escrever*. Tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Forbes, J.** (1988). *Os Caminhos lógicos da psicanálise: o nome próprio*. In: Seminário Acolhida do Campo Freudiano: Amanhã, a Psicanálise. Sociedade Psicanalítica de São Paulo. Disponível em: <http://projetopsicanalise.com.br/assets/files/Os-Caminhos-logicos-da-psicanalise3.pdf>
- Foucault, M.** (1966). *Entretien avec Madeleine Chapsal. La Quinzaine littéraire*, n. 5, mai, pp. 14-15.
- \_\_\_\_\_. (1977). *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2000). *As Palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins fontes.

**Freud, S.** (2012). *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1912 e 1914)

**Lacan, J.** (1998). *A significação do falo*. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)

\_\_\_\_\_. (2003). *O Seminário, livro 9: A Identificação*. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado entre 1961 e 1962)

\_\_\_\_\_. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado entre 1962 e 1963)

\_\_\_\_\_. (2008). *O Seminário, livro 16: de Um Outro ao outro*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado entre 1968 e 1969)

\_\_\_\_\_. (1992). *O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado entre 1969 e 1970)

**Levi, P.** (2004). *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Tradução Luiz Sergio Henriques. 2. ed. São Paulo. Paz e terra.

**Mannoni, M., & Mcdougall, J.** (1991). *O divã de Procusto: o peso das palavras, o mal-entendido do sexo*. Tradução de Débora Regina Unikowski. 1. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Safatle, V.** (2015). *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo. Cosac Naify.

**Salvador, D.** (1974). *Sim ou A Paranóia: Método crítico-paranóico e outros textos*. Rio de Janeiro: Editora Artenova.

**Sant'Anna, R. A.** (2000). *Barroco: do quadrado à elipse*. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora Rocco.

**Schwab, K., & Malleret, T.** (2020). *Covid-19: the great reset*. 1. ed. Switzerland: Forum Publishing. World Economic Forum.

Recebido em: 28/02/2021

Aprovado em: 20/09/2021

